

A Imagem digital no Currículo das TIC

Luís Miguel Varela Fernandes

luis.m.varela@gmail.com

Escola Secundária de Sampaio

Luís Varela Fernandes, é professor do grupo 550 – Informática - desde 1998 e, ao contrário de muitos colegas, não teve a sorte (ou azar) de leccionar em muitas escolas. Começou na Escola Secundária de Moura, onde leccionou dois anos, depois esteve dois anos na Escola Secundária Emídio Navarro de Almada e desde então lecciona na Escola Secundária de Sampaio, em Sesimbra, onde é professor do Quadro de Nomeação Definitiva.

Actualmente é coordenador TIC/PTE, sub-coordenador da BE/CRE, coordenador da Área de Projecto do 3º Ciclo e professor de Área de Projecto do 8º Ano e de Redes de Comunicação no Curso Profissional de Informática. Também é professor externo na Escola Superior de Educação de Setúbal, onde lecciona a Unidade Curricular de Tecnologias de Informação e Comunicação.

Do trabalho realizado nos últimos anos salienta a colaboração no projecto Espaço 39 do Centro de Competência da ESE de Setúbal e o trabalho intenso no cargo de Coordenador TIC na escola onde lecciona.

Resumo:

A Imagem Digital no Currículo das TIC foi um projecto desenvolvido com 3 turmas do 10º Ano da Escola Secundária de Sampaio no ano lectivo 2004/2005. A proposta de trabalho passou pela integração da Imagem Digital com outras unidades de aprendizagem, sem que se verificasse o espartilhamento dos conteúdos mas, pelo contrário, que esses conteúdos ganhassem alguma utilidade e aplicabilidade no contexto do projecto.

O projecto assentou, essencialmente num trabalho de investigação acerca de uma temática de interesse dos alunos, sobre a qual foi escolhido um assunto para a realização de uma recolha fotográfica. Essas fotografias serviram para enriquecer visualmente os trabalhos e, também, para a realização de uma exposição no 3º Período, incluída num evento com apresentação de trabalhos, palestras, workshop e actividades lúdicas.

Neste artigo tentarei evidenciar o percurso do trabalho desenvolvido nesse ano lectivo, salientando os pontos fortes que valorizaram o esforço e dedicação dos alunos e os pontos fracos, tão úteis no processo reflexivo que a profissão de professor exige.

Palavras-chave:

Imagem digital, TIC, trabalho de projecto, workshop, fotografia

Introdução

No início do ano lectivo 2004/2005 surgiu no plano curricular de todos os cursos do Ensino Secundário uma nova disciplina: Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Foram implementadas, também, as salas TIC que abriam uma nova perspectiva de trabalho especialmente para os professores do grupo de Informática. Com o parque informático renovado e com centenas de alunos para trabalhar, as perspectivas eram as melhores. No entanto, havia uma novidade que assustava alguns professores e com a qual não estavam habituados a lidar: o número de alunos – 25 a 30 alunos por turma, em simultâneo. Diversas questões se colocavam: i) com dois ou três alunos por computador como vamos fazer? ii) O que é que cada aluno poderá aprender numa aula de 90 minutos? iii) Que estratégias utilizar para conseguir que a grande maioria dos alunos tenha um percurso positivo nesta disciplina? Era um ano de novos desafios e de experimentações. Um ano de novidades e de oportunidades. Também eu, como professor do grupo 550, passei por estas dúvidas antes de iniciar esse ano lectivo. Por ter passado recentemente pelo processo de profissionalização em serviço na Escola Superior de Educação, os conceitos de Projecto e Metodologia de Trabalho de Projecto estavam ainda muito “frescos” e foram a minha primeira opção para iniciar a preparação dos trabalhos a desenvolver nesse ano. Decidi então lançar um projecto que permitisse integrar alguns dos conteúdos programáticos da disciplina, que possibilitasse algum tipo de interdisciplinaridade e que conseguisse mobilizar e motivar os alunos num trabalho com as TIC.

Decidi utilizar a Fotografia Digital e os conceitos associados para integrar os conteúdos programáticos. Portanto, antes de iniciar o trabalho com os alunos, escolhi uma área que deveria ser comum e o mote para a escolha das temáticas a desenvolver. De uma forma simplificada, a minha ideia base centrava-se na realização de um trabalho de investigação

no qual deveriam incluir uma recolha fotográfica associada ao tema. Dessa investigação deveriam resultar os seguintes produtos comuns: Relatório de Investigação utilizando o processador de texto, apresentação à comunidade escolar através de apresentações electrónicas, divulgação do trabalho realizado numa aplicação de paginação electrónica e fotografia digital. Posteriormente, com o decorrer do Projecto, outras ideias surgiram no seio das turmas e na parte final do ano lectivo foi feita uma apresentação na escola que será relatada mais adiante. O trabalho foi desenvolvido com três turmas do Ensino Secundário e contou com a colaboração de professores dos respectivos Conselhos de Turma.

Espero que as minhas palavras consigam ser suficientemente claras para que seja possível apresentar e entender os pontos fortes e os pontos fracos mais marcantes deste percurso.

Imagens Digitais... e as TIC

Iniciou o ano lectivo e, numa primeira fase, tentei conhecer as turmas, as suas dinâmicas, as competências gerais dos alunos na área das tecnologias e as suas perspectivas para a disciplina. Comecei por trabalhar de forma orientada, com fichas de trabalho orientadas e denotei que a grande maioria dos alunos se sente muito bem neste formato de aula. Estão muito vocacionados para este tipo de trabalho e revelam alguma competitividade na realização do trabalho proposto. Nesta altura comecei a pensar: "será que o trabalho de projecto será uma boa opção para estes alunos?".



Figura 16. Design do projecto

Com pouca experiência na realização de trabalho de projecto, também para mim as fichas de trabalho são uma segurança. É muito mais fácil preparar e orientar uma aula em que tudo está definido à partida. Foi então que recordei alguns dos ensinamentos da profissionalização: não devemos temer a insegurança na nossa profissão, devemos enfrentá-la e superá-la com trabalho significativo com os alunos. O Trabalho de Projecto pode, na maior parte dos casos, resultar num trabalho muito mais enriquecedor, tanto para os alunos como para o professor, apesar de causar momentos de alguma insegurança e instabilidade.

Depois desta primeira fase inicieei com as três turmas um primeiro contacto com a ideia central do projecto. Enquanto a apresentação era feita, alguns alunos já começavam a demonstrar alguma renitência ao trabalho que tinham de realizar: “Estava mesmo a gostar destas aulas, agora temos de investigar?”, “E quando é que vamos tirar fotografias?”, “Não podemos ficar a fazer mais fichas de trabalho?”, “Não gosto nada disto”. Tentei motivá-los ripostando mais ou menos desta forma: “Vão ver que vai ser muito mais interessante trabalhar em equipa”, “A investigação não tem de ser obrigatoriamente algo chato” ou “Não gostam de tirar fotografias? Então vamos tentar fazer algumas com mais qualidade, eu mostro-vos alguns sítios de fotógrafos profissionais para que possam ter alguma inspiração”. Naturalmente que, naquele momento, não terei convencido muitos dos alunos que insistiam nas fichas de trabalho.

Não cedi às “pressões”, iniciou-se a escolha dos grupos e, como normalmente faço, não interfeiri na escolha dos elementos que constituem cada grupo. Julgo que é importante que sejam criadas equipas que, à partida, tenham algumas perspectivas de funcionar bem. Limitei-me a sugerir o número mínimo (3) e máximo (5) de elementos e a reforçar a ideia da heterogeneidade da sua constituição. Esta fase era fácil e rapidamente foram feitas as escolhas.

Iniciámos o trabalho de planificação geral do projecto, alinhavando, em conjunto, um cronograma e definindo como seria a fase de apresentação dos trabalhos. Começaram a surgir ideias muito interessantes e sobre as quais ainda não tinha pensado. É nestes momentos que conseguimos verificar que os alunos podem ser uma ajuda fantástica na elaboração de projectos desta ou de outra natureza. Quem trabalha frequentemente nesta metodologia entenderá bem esta ideia, saberão certamente que se a escola tivesse mais recursos (materiais e humanos) conseguiria realizar projectos muito mais ambiciosos. Da imensidão de ideias que surgiram escolheram-se algumas, nomeadamente: Exposição das fotografias de cada grupo, Apresentação dos trabalhos à comunidade escolar, Convite a um fotógrafo de Sesimbra para fazer um workshop e Espectáculo musical com grupos musicais de alunos da escola. Com base nesta selecção, o culminar do projecto seria uma exposição e apresentação de trabalhos na escola no final do 3º Período.

Com o formato da apresentação definido, a maior parte dos grupos entendeu qual seria o reflexo e o objectivo dos trabalhos, portanto, a escolha das temáticas a investigar ficou facilitada. Quando chega este momento em que lhes é dada alguma liberdade de escolha, é normal que apareçam os temas eternos da sua faixa etária e do seu contexto geográfico: surf, bodyboard, skate, futebol, etc. ou então os temas sucessivamente trabalhados desde o 1º Ciclo: DST's, alimentação, reciclagem, problemas ambientais, etc.. A escolha das temáticas era totalmente livre com a limitação intrínseca às características de um dos produtos finais: a fotografia. Ou seja, para além dos pressupostos inerentes à escolha dos temas, acrescia a necessidade de existir uma recolha fotográfica. Os temas escolhidos foram muito diversificados, no entanto, uma grande percentagem foi

direccionada para o património histórico do concelho de Sesimbra. As temáticas foram muito variadas mas, quase todas, sobre o concelho de Sesimbra: Castelo de Sesimbra (mitos e lendas) (2), Cabo Espichel (Santuário, Pegadas de dinossauro, Capela) (3), Vila de Sesimbra (antes e depois, problemas da vila, Turismo em Sesimbra, Vila Piscatória) (5), Espeleologia (Descrição, grutas de Sesimbra) (1), Surf (Influência na Sociedade) (2) e SkateBoard (História, o Skateboard em Sesimbra) (1) e "A História da nossa escola" (1). De todos os temas escolhidos, muitos deles com alguma qualidade e com interesse no âmbito curricular de algumas disciplinas dos cursos, há um que rapidamente despertou a minha curiosidade, um grupo decidiu investigar sobre a história da escola, um grande desafio por não existir, até esse momento, qualquer documento que reunisse informações desta natureza.

Iniciou-se a etapa da investigação. Inicialmente, como vem sendo habitual, a maioria dos grupos centralizou-se na pesquisa de informações na Internet. Se para alguns este caminho trouxe alguns dados válidos e importantes, para outros este procedimento foi muito desanimador. Altura ideal para o estímulo e o encaminhamento para outras fontes de informação, infelizmente menos habituais para a maior parte destes alunos.



Figura 17. Visita de Estudo ao Cabo Espichel - Grupo de alunos no monumento Mãe d'Água
Fotografia: Ana Silva, Eloísa Silva, Rita Cidade, Sofia Sousa e João Embaixador

É nesta fase que se geram algumas confusões com o formato das minhas aulas de TIC. Foram diversos os colegas, incluindo elementos do Conselho Executivo, que me chamaram e alertaram para o facto de algumas pessoas acharem que as minhas aulas eram uma "rebaldaria". Eram alunos a entrar e a sair da sala de aula, ora iam ao Centro de Recursos, oram iam tirar fotografias. Mais estranho se tornou quando as alunas que realizaram o trabalho sobre a história da escola decidiram sair da escola para entrevistar alguns moradores que assistiram a todo o processo de implantação do edifício. Todos achavam muito estranho que as "aulas de Informática" decorriam fora dos laboratórios. Actualmente, com o impacto positivo e com a repetição destas metodologias na disciplina de Área de Projecto já ninguém fica escandalizado, até elogiam esta dinâmica. O que mudou? Julgo que as pessoas começaram a entender que existe aprendizagem para além das quatro paredes da sala de aula. Confesso que foi estranho e que alguns alunos também

sentiam que algo de diferente se estava a passar, até porque outros professores de TIC estavam a trabalhar de forma diferente, facto que suscitava dúvidas. Enfim, com alunos fora da sala de aula, na Biblioteca, na vizinhança, na Biblioteca Municipal, Câmara Municipal ou no Registo Predial, o processo decorreu com alguma confusão, com muita barafunda, com muitas desilusões, mas sobretudo com desenvolvimento de muitas competências na procura de informações. Neste processo destaco, como exemplo, um grupo de trabalho que, a partir do momento que iniciou a investigação, decidiu ocupar a sua tarde livre para reunir, semanalmente, na Biblioteca Municipal, no sentido de consultar documentos históricos sobre a vila de Sesimbra que não poderiam encontrar/consultar fora daquele local. Estas metodologias de trabalho surgiram, essencialmente, de ideias de elementos de cada grupo, confesso que fui dando algumas dicas, no entanto as ideias mais interessantes saíram das discussões dos grupos.

Neste processo de recolha de informações, os alunos realizaram também a recolha fotográfica. Antes de iniciarem este processo, preparei-lhes uma aula de introdução à fotografia onde abordei alguns conceitos básicos relacionados com a história e evolução da fotografia, aspectos técnicos da fotografia digital e outros relacionados com a estética e composição de imagem. Sem ser um profissional (nem sequer amador) na área da fotografia, tentei mostrar alguns sítios de fotógrafos profissionais, estudantes de fotografia ou amantes desta arte. A abordagem não foi muito aprofundada, mas tentei sensibilizá-los para a importância da fotografia na História da Humanidade e para as questões da composição, de modo a que a sua recolha fotográfica não fosse somente um amontoar de fotografias. Preparados para tirar as suas melhores fotografias, os alunos partiram para o trabalho de campo. Foi interessante verificar a quantidade de fotografias que iam fazendo e os mecanismos desenvolvidos para a selecção das melhores. Outro aspecto positivo foi a interacção que em alguns casos se conseguiu com os Encarregados de Educação. Os horários nem sempre possibilitavam a recolha fotográfica durante os dias da semana, portanto, aos fins-de-semana lá iam, alunos, pais e outros familiares, tirar fotografias ao Cabo Espichel, ao Castelo, aos surfistas...



Figura 18. Barco de Pesca (Doca de Sesimbra)
Fotografia: Luís Marques



Figura 19. Fortaleza de Sesimbra
Fotografia: Ana Antunes, Cláudia Janeiro, Inês Martelo e Joana Graça

Outro dos produtos previstos neste projecto era o relatório final sobre o tema investigado. Neste caso, apesar de os alunos já terem tido contacto com a realização deste tipo de documentos e com o processador de texto, investi algum tempo na definição da estrutura, na normalização das formatações, na utilização de ferramentas avançadas do processador de texto (índices automáticos, secções, legendas, etc...), nas regras para a realização da bibliografia e também incentivar a criatividade e o desenho gráfico da apresentação. O mesmo se verificou com a realização dos cartazes, dos flyers e das apresentações electrónicas. Tentei que os documentos seguissem a mesma linha gráfica de modo a associar todos os produtos ao mesmo tema. Este processo decorreu com normalidade, com todos os grupos a mostrarem empenho e com resultados bastante satisfatórios para o nível etário e académico dos alunos. Nesta fase iniciou-se também a criação de equipas com vista à organização e preparação da apresentação à comunidade escolar. Surgiu-me pouco antes de partir para esta etapa a ideia de criar equipas inter-turmas. Em vez de dividir as tarefas por cada turma, optei por criar grupos de trabalho mistos com alunos de cada turma. A princípio pensei que iria ter alguns problemas mas criou-se uma dinâmica muito interessante. Os grupos iniciaram a preparação dos dias da apresentação e exposição de trabalhos. Uma equipa ficou responsável pela organização da exposição de fotografia, outra pela exposição dos trabalhos e outra pela logística necessária à concretização do Workshop e do espectáculo musical. A juntar à presença do fotógrafo profissional, Carlos Sargedas, que iria dinamizar o workshop e uma palestra, no sentido de enriquecer estes 3 dias de exposição, convidei o professor Fernando Pinho da Escola Superior de Educação para abordar a importância e o papel da imagem em contexto educativo e foi possível, pela mesma instituição, a cedência de um diaporama sobre Monsaraz para projecção num dos dias.



Figura 20. Palestra do prof. Fernando Pinho
Fotografias: Roque Oliveira



Figura 21. Palestra do Fotógrafo Carlos Sargedas

O que começou por ser uma exposição de trabalhos, acabou por se concretizar como um mini-seminário, devido às ideias lançadas pelas turmas. Naturalmente que se tornou um processo trabalhoso, com muitas horas de dedicação mas com uma ilusão muito grande para que chegasse essa semana.

Chegou o momento esperado. A semana que tinha 5 dias, 3 dos quais dedicados à exposição, deveria ter mais 4 ou 5, tal não era a quantidade e intensidade de trabalho que tinha de ser desenvolvido. O mais curioso é verificar a imensidão de novas aprendizagens e

competências que adquirimos nestes eventos. Os retoques finais, o palco que não está montado, a exposição que não está a ficar como tinha sido planeada, os alunos que fogem das tarefas mais árduas, os outros que arregaçam as mangas e trabalham até à exaustão... são momentos que só quem já se aventurou pode recordar com muita alegria. Nesses 3 dias as actividades previstas decorreram com os percalços comuns, mas com muita participação da comunidade escolar. As palestras foram muito ricas e participadas. Dois relatos de experiências de vida que deixaram alguns alunos com ideias mais concretas sobre o mundo da fotografia e a importância das imagens no nosso dia-a-dia.



Figura 22. Cartaz do evento



Figura 23. Espectáculo Musical com alunos
Fotografia: Luís Varela

No final desse ano lectivo, olhei para trás e vi um percurso difícil mas com um final bastante rico em experiências. Verifiquei que todas as hesitações e inseguranças foram suplantadas e substituídas por uma sensação de dever (mais ou menos) cumprido. Naturalmente que o percurso apresentou momentos menos positivos, estratégias mal definidas, planos incongruentes... aspectos naturais e muito normais para projectos desta natureza. E volto a frisar, a minha postura pós-profissionalização mudou essencialmente no sentido de aprender, reflectir e experimentar sem receio de errar mas com uma atitude crítica muito acentuada. Só assim conseguimos fugir às aulas que nos dão segurança total, quer em termos de conteúdos, quer em termos de avaliação dos nossos alunos. Muito além da avaliação estão as competências e capacidades que se aprendem na entrega a um trabalho significativo e contextualizado.

Para terminar, deixo duas mensagens de alunos que, no final, reflectiram e escreveram sobre o projecto realizado.

"Penso que, acima de tudo, o mais importante nesta disciplina foi o facto de termos passado a olhar de maneira diferente para o mundo que nos rodeia. Quando vemos um anúncio publicitário, um panfleto, um cartaz ou até mesmo uma página na Internet, passámos a "ver com outros olhos". Ou seja, passámos a tomar mais atenção ao modo

como é explícita a informação que se pretende transmitir e, em função do público-alvo, o modo como foi apresentado". (Joana Graça)

"Gostei destas novas aulas na minha experiência curricular, apesar de ter tido no ano passado informática, mas era diferente deste ano. Pelo que percebi ao falar com os meus amigos, o "stor" estava a levar um plano das aulas diferente dos outros professores, porque os outros faziam testes e nós não, achei uma boa proposta e foi bem concretizado. Enquanto nós trabalhávamos os outros estudavam e faziam testes e fichas. Então, assim foi uma melhor forma de aprendermos a trabalhar, e para além disso aprendemos a fazer um trabalho de grupo mais completo." (Rui Cardoso)